



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA



Luís Manuel Lemos Freitas

“INCOLOR”

ARGUMENTO ORIGINAL E COMENTÁRIO

**Trabalho de Projeto do Mestrado em Estudos Artísticos, orientado pelo Professor Doutor Sérgio Emanuel Dias Branco, apresentado ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.**

2020

# FACULDADE DE LETRAS

## "INCOLOR"

### ARGUMENTO ORIGINAL E COMENTÁRIO

#### Ficha Técnica

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Trabalho de Projeto/Projeto</b>
<b>Título</b>	<b>“Incolor”</b>
<b>Autor/a</b>	<b>Luis Manuel Lemos Freitas</b>
<b>Orientador/a(s)</b>	<b>Sérgio Emanuel Dias Branco</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutor José António Oliveira Martins</b> <b>Vogais:</b> <b>1. Doutora Maria Marta Dias Teixeira da Costa Anacleto</b> <b>2. Doutor Sérgio Emanuel Dias Branco</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Estudos Artísticos</b>
<b>Área científica</b>	<b>Artes</b>
<b>Especialidade/Ramo</b>	<b>Estudos Fílmicos e da Imagem</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>04-03-2020</b>
<b>Classificação</b>	<b>11 Valores</b>



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA



## Resumo

A escolha de projecto de Mestrado foi uma escolha feita cedo, dos três possíveis métodos de conclusão Tese, Projecto ou Estágio, estava já bem ciente do projecto que queria fazer, não só como conclusão do curso mas como um desafio a mim próprio isto porque a minha área de conforto encontra-se no meio dos lápis, ditas, pincéis, espátulas e materiais moldáveis, aqui sentiria-me um desconhecido no meio daquilo que teria que concretizar e aprender. “Learning is experience, everything else is information” disse o Albert Einstein, passar por esta experiência foi por querer, querer concretizá-la, ao longo dela absorver toda a informação possível.

No trabalho crio uma história baseada em factos verídicos, uma história que provém da experiência. O argumento de um género drama que representa uma família que tenta ultrapassar os seus problemas diários, tentando não agravar ou alterar o seu ambiente rotineiro familiar embora tal por vezes não seja fácil.

Palavras-chave: Argumento; Cinema; Filme; Guionismo

## Abstract

Choosing project as a way of finishing my Master's Degree, this was a choice made early during the first year, from the three possible ways of conclusion, I was already preparing myself for this stage of the course, Doing this not only as a conclusion also and mainly doing it as a challenge for myself, diving outside my comfort zone, the zone where there will not be no pencils, no brushes, no pens, no spatulas or molding materials to create something only a simple pen and paper ideas, ideas with need some background and research to get the most of the emotional part, the most of the entire experience itself with some connection to a conceptual theses about human society or anything else. Like Albert Einstein said " Learning is experience, everything else is information", passing through this experience because I wanted It, so that I could manage to accomplish this part of the plan while absorbing the information along the way.

This script based in true events, represents a drama life story told through experience, this argument to is based in the experience. It represents a family trying to overcome its problems while not making any sudden changes in their own relationships or even daily routine even knowing that is the hard part.

Keywords: Cinema; Movie; Representation; Script, Screenwriting

# Índice

Resumo	2
Abstract	3
Introdução	5

## PARTE I

### Argumento Original

Sinopse	7
Estrutura	10
“Incolor”	12

## PARTE II

### Comentário

Sobre a Base	65
Sobre a Estrutura	67
Sobre o Tema	77
Sobre as Personagens	79
Conclusão	80
Obras Citadas e Consultadas	83

# Introdução

Aqui está a ser apresentado aquele que é o meu projecto de final de Mestrado. Um argumento que não sei se será gravado, no entanto, este mesmo projecto não vem só demonstrar um projecto nem limita-se somente a representar aquilo que é um argumento cinematográfico mas também as valências e capacidades adquiridas durante as aulas.

Como argumento, tem uma posterior análise da obra a nível estrutural, temático e conceitual. Para além dessa sua análise este projecto procura também expor as competências adquiridas durante o primeiro ano de aulas.

Este é um argumento baseado em factos reais, factos que eu observei, outros que vivi, claro nem todos explicados ao detalhe, sempre com o uso da imaginação e criatividade pelo meio, no entanto a experiência que foi escrevê-lo é de um conteúdo de enorme em termos de análise ao próprio. Esta experiência de escrever um argumento foi deveras algo único, a descoberta de um lado escondido do cinema que de pouco se ouve.

PARTE I  
Argumento Original

## Sinopse

Luis vive a sua vida pacata de estudante, embora reconhecendo o seu estado de saúde, no entanto, a vida não é certa e depois de um momento inesperado, fá-lo ver a vida de uma perspectiva mais escura, uma história que se baseia numa personagem que procura cor para dar á sua vida.

Luis, um adulto, um artista já concebido com os seus dotes bem consumados, o qual não deixa de querer aprender mais, conhecer mais, sobre o que faz, sobre o mundo, em específico sobre a sociedade. Embora artista e inspirado, como humano, não deixa de ter problemas como qualquer outro, vindo de uma família de classe média, onde a sua mãe Maria é contabilista e o seu pai Paulo trabalha numa seguradora, vivendo num bairro simpático, os problemas começam dentro de Luis, um paciente epiléptico, de ligeiras crises, nada que se pudesse realmente diagnosticar como algo verdadeiramente terrível, ou como um bicho de sete cabeças, até o dia em que realmente se pode tornar, dia qual, mesmo acompanhado pelo seu pai mais meia dúzia de sujeitos que diariamente fazem daquilo o seu exercício de vida, Luis no seu ritmo de auto desafio, propondo a si mesmo até onde consegue chegar, fê-lo assim, mergulhar na piscina e acompanhar o seu ser até um lado, parando e chegando a ir a outra dimensão, uma dimensão mais verde, uma dimensão na qual este espaço está mais verde, enverdecem mais plantas, com mais flor, onde Luis está simplesmente noutra mundo, está ausente, no seu mundo imaginário sonhando com um espaço de campo, um descampado suave, onde bate o sol, onde as pessoas tentam simplesmente adquirir aquilo que é o lado informativo das pessoas, o telefone, quando o próprio cai na realidade, dá consigo num espaço branco, azulejos á sua volta, deitado numa maca sento arrastado por meia dúzia de pessoas, Luis está aqui num espaço, um espaço local que não convém ser utilizado ou interrogado, espaço este que o deixa desorientado, até se aperceber que deu entrada no hospital. Sem rumo, deslocado da sua vida habitual tudo mudou ao primeiro respirar.

No presente Luis, não passa mais do que um simples recluso, um ser humano livre mas que por acontecimentos da vida, não pode usufruir da mesma, Luis, no presente é um adulto sem saber que direcção seguir, um adulto qual não tem rumo definido. Decifrando os seus momentos do dia de acordo com o que se passa em seu redor, de acordo com a vida dos

outros, Luis não passa de um simples elemento numa orquestra, que apenas funciona de correctamente seguindo o restante, até a entrada de Catarina nesta família, que já há muito vive neste circulo fechado, nesta rotina em espiral que os leva aos poucos a um estado de decadência psicológica.

Decadência psicológica, num espaço familiar, onde seria suposto ser um espaço saudável, um espaço de reflexão torna-se venenoso. Salvando-o de tudo, somente uma outra pessoa qual será o seu ponto de partida para um momento de cura psicológica, Catarina, aparece na sua vida como cuidadora, como alguém que vem para estar atenta a Luis, o qual viverá aos poucos momentos de amizade, discussões, momentos de uma relação amigável que caminhará em frente seguindo para algo mais.

Tudo apenas vive-se de forma tranquila e harmoniosa, de uma forma respeitável, simplesmente amável, como mel em água, quando um paciente já de com tal padrão de vida, emocionalmente instável torna-se alguém que consegue reconstruir a sua auto estima, a perspectiva árdua que os olhos de Luis retinham sob a vida torna-se tolerável mesmo assim, nunca completamente saciada ou mesmo a vontade, nunca será uma vida psicologicamente linear com picos de comportamento que terão sempre duas faces como uma moeda, uma boa uma muito má, desde que a sua almofada, Catarina, lá estivesse presente estes comportamentos seriam toleráveis. Tudo até então se mantinha dentro de padrões normais, padrões estes que são definidos pela companhia de uma só pessoa talvez também pela evolução de uma relação amorosa que em tudo faz divergir esse padrão para uma ambiente emocional estável, composto, feliz, que se pode dizer senão a felicidade é algo que nos traz paz interior uma comoção efémera capaz de regular o nosso corpo assim como representado em Luis, Catarina é aquela projecção de vida, de amor que sendo substituída, não será a mesma. O problema reside num pensamento de Luis que o torna tóxico para a mesma, fazendo-o querer mais daquilo que é, mais de uma relação, mais do amor. Sejamos claros aqui nesta questão amorosa, como em tudo, tem uma segunda face, tem aquela face que a todos nós é bem familiar do êxtase, o sonho, a vida como uma perfeita utopia Disneylândia e o outro lado o amor requer devoção, compreensão e algo que por vezes torna-o difícil de tolerar, sacrifício, a quando as coisas não se encontram coordenadas ou coerentes somente o tempo tem um poder de cura para tal. Neste caso o sacrifício tomou dimensões mais pessoais,

com alguém num estado mental tal, o seu sacrificio foi de representar o seu amor numa forma de libertação, dar uma nova chance a quem para ele será eternamente um símbolo de amor.

No fim, a ausência de cor na sua vida leva-o, se calhar por egoísmo, a tomar uma medida de libertação extrema como para qualquer humano o fruto proibido é aquele mais desejado até para alguém com tais proibições, para alguém que tinha o desejo de saber, conhecer, aprender, colocar impedimentos de vida.

# Estrutura

## *Six Stage Plot Structure* de Michael Hauge

<b>Etapas</b>	Setup	Nova Situação	Progresso	Complicações	Empurrão Final	Conclusão
	*1	*2	*3	*4	*5	
	<b>Acto1</b>		<b>Acto2</b>		<b>Acto3</b>	
<b>1</b>	Oportunidade					
<b>2</b>	Mudança de planos					
<b>3</b>	Ponto onde não há retorno					
<b>4</b>	Paragem na história, espaço neutro					
<b>5</b>	Climax					

### **Etapa 1**

Apresentação do protagonista, a sua vida, quem é o que faz, um ponto inicial de ligação com a própria audiência.

### **Etapa 2**

Cena da piscina, uma nova situação na sua vida na qual terá que se adaptar, um novo caminho o qual terá que ser percorrido.

### **Etapa 3**

Progresso da história, o desenvolvimento da personagem, a sua forma de estar perante a vida assim como a sua maneira de ser.

### **Etapa 4**

A doença avança, há um retardamento na história, um novo encontro com Dr. Antunes, ai fazendo cirurgia, recuperação, voltar á vida normal, o reencontro com a liberdade.

### **Etapa 5**

O momento de realização.

### **Créditos**

“Incolor”

---

Etapa 1

Titulo

“Incolor”

Ecrã 2017, Madeira

Paulo

Então é para amanhã...

Luis

Boa, (bocejando) já vou.

Paulo

(OFF)Vê se te mexes, se quiseres ir.

Vemos o que parece um pé, deformado pela meia, ainda naquela sombra matinal do quarto, Luis levanta-se com o seu ar de sono, um aspecto “zombie”, procurando as suas pantufas, já parecidas com chinelas desgastadas pelo tempo, tomando a devida coragem para um banho fazendo-o despertar a tempo da primeira volta matinal.

Sai da cama, lentamente passeando pelo corredor até a lavandaria, segura na sua toalha como um devido homem embriagado, de sono. O caminho parece longínquo mas chega, já se despindo, pontapeando as suas pantufas, fazendo um paço de flamenco para os calções, finalmente, a muito custo, como quem está trepando uma parede tira a t-shirt.

Entra na banheira dando início ao seu spa, estranho, sentir a pele dos seus pés mais rugosa do que já aparentam, como se da cara de uma idosa se tratasse, como meias molhadas.

Luis

Já está, deixa-me só vestir e  
jogar as coisas para a bolsa.

Paulo  
Já estou pronto.

Luis  
Sim.

Sai já equipado e preparado do quarto.

Paulo  
Tá tudo?  
Não te falta nada?(cara séria)

Luis  
Hum... Vamos.

Int.Escola.Piscinas

Paulo  
Põe isto.

Luis  
O que? Toca?

Paulo  
Tem que ser.

Luis  
Já me esquecia disso.  
Vou parecer um espermatozóide.

Paulo

Olha para mim, eu viro cachalote.

Luis

Uau, visão plena, és um  
espermatozóide nutrido digamos.

No ponto de entrada, preparados, fazem um pequeno baptizado, apenas para terem o costume da temperatura da água, depois, mergulhando em profundidade. Após minutos a nadar, Luis criando pseudo-desafios, tenta fazer uma piscina completa por baixo de água, chegando ao fim, como seria de esperar, cansado. Repensando nos seus actos de vida, nas situações em que nos são propostas como desafios pessoais, por vezes são aqueles que tomamos mais a sério, se calhar, devido ao seu cariz interior, ao ser um desafio muito mais íntimo do que a um qualquer habitual, como são aqueles que estamos já bem familiarizados como o sistema escolar.

Luis(OFF)

Tenho que deixar de fumar, ou talvez, não devia fumar tanto. Foda-se foram muitas "ganzas", todos os dias, uma atrás da outra, foi muito realmente, também de que vale agora pensar nisso, mais de pressa será melhor tomar. Credo, tenho que arranjar novas medidas em relação á minha própria vida, há uma primeira vez para tudo... (ecrã vai para preto)

Um sujeito, que nada na pista ao lado, chegando próximo vê um corpo que aos poucos se afunda.

Desconhecido

Ei! Tá um corpo aqui a ir para o fundo!

Do outro lado, salta para a piscina outro sujeito, de uma forma rápida completa a piscina pelo fundo chegando ao corpo elevando-o para a superfície. Os restantes também dispostos para o socorrer seguem-no, conseguindo tirá-lo do fundo, com muito esforço, dando inicio as manobras de reanimação.

Desconhecido2

É o pai?

Desconhecido2

Um, dois, três...

(um frame a imagem de um jardim, cores vividas, verde o céu azul, paisagem rural)

Entrando nas urgências

Luis

Oi...(bocejo)

Bombeiro

Então, boa tarde, tas no hospital  
deu-te algo na piscina, ficaste no fundo.

Luis

Boas, calma, isso é demais.

---

Fase 2

Int.Urgência.Dia

Bombeiro

Deixa passar!

Enfermeiro

É este?

Luis

Sou eu... o "Aquaman"

Aparece no Ecrã, 2018, Madeira

Titulo do Filme Aparece "Incolor"

Flashes perpendiculares aparecem no ecrã, a imagem é fusca, apenas ouvimos a respiração lenta de Luis(OFF), assim como ouvimos os termos científicos da equipa de urgência do hospital, que também embora pareçam distantes ali estão bem próximas.

Doctor Sebring

Ele estava a entrar em convulsão

Luís

Ui...Merd...A

Doutor Antunes

Mas que...? Como...?

Doutor Antunes

Que aconteceu,  
os olhos dele perderam cor?

Enfermeira

Credo...

Enquanto levam o paciente para a sala de urgência.

Luís

Mas que merda? Que cena é esta, sabor todo estranho na boca, ninguém quer acender as luzes entretanto?, Não vejo merda nenhuma? Ei?!

Enfermeira

Sr.Silva, por favor, desculpe as novidades, há dois dias atrás sofreu um ligeiro acidente, enquanto sob o efeito de alguma coisa medicamento ou outra substância,

demonstra pelo menos nos seus exames de sangue, com tudo lamento mas perdeu a sensibilidade á luz, ainda está sob análise a sua situação.

No fundo, não pode ver, á luz.

Lamento.

Luís

Não?Porquê?... Não, não, não, não, senhora, isto é treta de "Star Trek" ou Marvel... Ei!

Enfermeira

Por favor, esteja calmo, isso só agrava ou altera a sua condição, mantenha o seu psicológico estável.

Luís

Não! Foda-se... Como é que é, qualquer coisa

e tal tá parcialmente cego  
acalme, só faltou o "tá tudo bem".

Enfermeira

Por favor... (respira fundo) Sr...

Respire fundo...

Luís

Se calhar... Fazer... Merdas Tântricas...

Flashback

Sonho(enquanto baixo de água)

Um enorme descampado aparece, verde vivo, com montanhas há  
distancia, perto uma árvore, a qual acompanhada pelo vento  
dança coordenadamente ao som do mesmo. Luis olha em redor está  
só, apanhando a brisa fresca na cara fecha os olhos,  
lentamente e respira fundo.

Fast Forward\*

Acorda ouvindo a enfermeira a chama-lo, olha em redor, o  
verde, a natureza dilatou-se, escondeu-se num espaço de  
natureza científica, natureza de bem, apanhando aquele impacto  
do imenso escuro, pode ser um conforto como uma boa maldição.

Enfermeira

Como se está a sentir hoje Sr.Silva?

Luís

Bem... Penso, se calhar, melhor visto que  
não me está a tentar furar o  
miolo com o seu positivismo.

Enfermeira

Vai ter alta hoje, o doutor depois da ultima reunião com a equipa, vê que está em condição para ir para casa, claro, só estou adiantado parte das coisas, mais uns minutos e ele estará aqui para por tudo em cima da mesa.

Luís

Ok... Já agora, se posso, quanto tempo cá estive?

Enfermeira

Dois dias, desde a sua entrada.

Luís

Ok. As minhas coisas estão aqui, no quarto?

Enfermeira

Espere que o doutor chegue.

Luís

Está bem.

Doutor Antunes

Sr. Silva, isto do seu filho não é estável, medicação pode ajudar mas nada asseguro que isto seja uma única vez, pode-se repetir...

Luis(VOICE OVER)

Vemos num país culturalmente enraizado pela religião cristã, cores negras o melhor significado não têm, apenas se associam a momentos de dor espiritual, entre outros, neste momento,

todos esses tons seriam aqueles que eu estaria a ver, imaginar, se calhar até a sonhar ou a pre meditar numa outra dimensão, juntando a eles o fardo científico da medicina e os seus milagrosos fármacos de efeito placebo, a tónica cura que fazem é apenas ao juice daquele que o toma, cura-o para distinguir o irreal do real.

No ecrã aparece uma pequena casa, a qual não moderna mas casual, situada num bairro simpático e antigo localizado numa parte da ilha, casa mãe da personagem. A casa de tons vivos, que se alternam das paredes para as janelas e portas, desviando a atenção daquilo que possivelmente se pode imaginar do que é a vida no seu interior.

---

Fase 3

Int. Casa. Hall

Maria

Já em casa?(segurando alguns snacks)

Paulo

(espreitando) Como é que ele está?

Maria

Ele está bem, está... Ele passou o dia inteiro no quarto, não fez muito mais, apenas esteve ali, ainda ouvi um lápis, estou preocupada, ele não comeu nada ou falou...

Paulo

Deixa-o se habituar, eventualmente vou falar com ele.

Maria

Paulo, por favor não faças uma  
das tuas cenas motivacionais,  
já sabemos como isso termina.

Paulo

Deixa-me... Vai, faz o jantar ou isso,  
pode ser que isso ajude...

Int.House.Phil's Room

A música está tocando, o quarto está escuro, as cortinas estão fechadas, tapa-sóis bem fechados, a própria janela coberta por um cartão. O quarto não é um quarto mas uma perfeita gruta, o único pedaço de luz que vem é dos dígitos da aparelhagem de som, Luis sentado na secretária, aquele vulto preto que tenta olhar para um álbum.

Paulo

Boa tarde, ouvi dizer  
que estiveste desenhar?

Luís

Hum...Hum...

Paulo

E ainda tens jeito?

Luís

Hum...Não, eu não desenhei, ou tentei, apenas joguei umas linhas, não pintei nada, meio difícil pintar sem conseguir

definir qualquer tipo de sombra, sem compreender onde está a forma, estás gozar comigo?

Paulo

Tou a ver como te sentes...

Eu compreendo, mas...

Luis interrompe de imediato o seu pai, sarcasticamente respondendo.

Luís

Pois! Precisamente, tu realmente vês.

Paulo de seguida sente-se arrependido de fazer tal intervenção, tentando analisar a possibilidade de compreender o seu filho, mas feridas ainda frescas não cicatrizam em duas noites. No meio do silêncio orquestral, pairando na casa, como pai, ainda tenta usar a pizza como uma breve solução.

Paulo

Comeste alguma coisa?

Luis

Sim, se calhar, (abanando a cabeça),  
Eu "vejo" se arranjo essa vontade, podes  
ir que a conversa já enjoa.

Int.Casa.Cozinha

Paulo entra na cozinha , dirige-se a porta que dá acesso ao jardim, já de cigarro na boca.

Maria

Ele disse alguma coisa?

Paulo

Pede a pizza, eu vou à rua fumar um cigarro.

Maria

Qual pi...? Tou a fazer jantar?

Interrompida pela agressiva e ríspida preocupação de pai.

Paulo

(OFF)Qualquer coisa!

Na entrada, na rua, o pai de Luis acende de seguida o cigarro, movendo-se de forma lenta pelo soalho já meio gasto, enquanto puxa o primeiro bafo, um bafo de preocupação, inspira e expira fundo, a sua cara calmamente volta a um estado de relaxamento, um momentâneo espaço temporal em que sente o ar fresco da noite, sente o equilíbrio, até reabrir os olhos regressando de volta a dimensão que o aprisiona, os problemas no trabalho, em casa, de saúde, o sentimento corrosivo provocando dor de ver o filho em auto-destruição.

Int.Casa.Cozinha

De mesa posta, a família aposta para comer numa sala onde o silêncio absorve os sons e ideias, a presença de Luis existe de um propósito quase abstracto. Paulo sem se manifestar devido a fome, limita-se a um desaforo na gula, Maria decide ser aquela, que atrevidamente quebra o silêncio.

Maria

Portanto, posso levantar o prato dele se calhar?

Paulo

Espera, ainda não acabei.

Maria

Se faz favor, não és o único preocupado com este assunto, caso não tenhas reparado eu tenho ficado em casa, já ca estou á umas semanas. Vou entrar no desemprego? Desisto do trabalho para ficar em casa?

Paulo

Sabes bem que não é propriamente altura para ir para desemprego, sabes disso, sugiro até que não sigas com essa brilhante ideia.

Maria

Não foi uma ideia, é um facto.

Paulo

Eu é que de certeza não posso fazer isso.

Maria

Wow! Estás a brincar comigo, tou a cuidar do nosso filho..

Paulo

Eu... só...

Maria

A sério, vê lá o que te estás  
a provar ser .

Paulo

Eu estou nervoso, tenho medo e enquanto penso vejo o futuro,  
imagino com vai ser. Como é que ele vai ter a sua  
independência, uma vida normal, trabalhar, ter uma família, o  
eterno problema da condução... Merda...

Campainha toca, Maria vai á porta.

Catarina

Boa tarde.

Maria

Boa noite

Catarina

Sra.Silva, desculpe o incomodo. Eles entregaram isto na minha  
avó hoje, provavelmente veio misturado, ou baralharam,  
para mais nunca vi este logo lá por casa.

Maria

Oh, ok. Obrigada, Catarina certo?

Catarina

Sim, Catarina

Maria

Como está a tua avó?

Catarina

Ela vai ser internada, agora num centro de dia. Tem sido difícil, tenho vindo cá ajudar, mas para este tipo de situação eles estão mais bem preparados que eu sozinha aqui em casa, não consigo fazer tudo, não consigo lidar em determinadas situações, é muita coisa isto mais o restante.

Maria

Não é fácil, mas, estavas ai a tempo inteiro a tomar conta dela?

Tens algum estatuto especial ou profissional para isso?

Catarina

Não, fazia o coisas básicas, comida, banho, ver os comprimidos, verificar os diabetes, limpar por ai é mais isso.

Maria

É complicado, já não te reconhecia quase estás diferente, que fazes para além disso?

Catarina

Já cresci mais um pouco.  
Agora estou no último ano licenciatura e claro estou aqui.

Maria

Pensava que já tinhas algum trabalho...

Catarina

Com isto é impossível, nem part-time, mas sempre dá para fazer algo.

Maria

Estou aqui a pensar, posso fornecer-te um part-time, dentro disso com menos algumas tarefas. A vida aqui também tem sido muita.

Catarina

Que se passa?

Maria

O meu filho está com uma deficiência visual, não tem sido fácil. É assim não precisas de fazer a limpeza a coisas e isso mas banho é a única questão a ter cuidado.

Catarina

Ok, posso tentar, quer o número de telefone?

Maria

Por favor, sim. Pagamento terás e qualquer coisa ligas-me, se não te sentires à vontade não faz mal que procuro outra pessoa.

Catarina escreve o numero de telefone, enquanto Maria completa a conversa, no interior, Luis, no seu quarto, numa ausência presente consegue ouvir o que se passa à porta de casa, o som entrando pela greta. Deitado na cama ouvindo música, tentando recheiar ou mesmo dar apoio á sua alma que não está passando pelos melhores momentos, apenas olha para a imensidão do escuro imaginando, cor.

Novo dia na pequena cidade (aparece referencia no ecrã "Segunda-feira 9:50h"), Catarina, ouvimos um motor em combustão, um carro pequeno, que aparece ao longe, já antigo, estaciona em frente à casa da Sra. Silva. Preparando-se para sair do carro, faz o seu ritual de histeria de material, se tem tudo na sua carteira, vê o que deixou no carro, abre a porta do carro sai e vai em direcção a casa. Vestida de forma casual, mas com um certo tom de apresentação que sobressai, de pele branca e umas bochechas rosadas, de frente para a porta, respira fundo tomando o corajoso balanço para este seu trabalho. Catarina entra, dentro de casa numa mesa logo a entrada um papel, uma nota de Maria "Caso algo aconteça, é só ligar que atendo, boa sorte". A casa, por fora não muito diferente do restante padrão, por dentro a casa deveras peculiar, tem tons escuros e sombrios, a falta de luz faz deste local um espaço quase barroco, ou mesmo ilude quem lá está. Sendo a única altura do dia a noite, pousando a sua carteira na cadeira, Catarina olha em redor.

Luís

Mãe! Esqueceu-se de alguma coisa...

Catarina olhando em frente, naquele que no seu espaço mental é uma gruta, observa uma forma humana escura a aparecer.

Luís

Ok, é diferente, tu és? Nunca pensei ser vítima de assalto por uma mulher, não me leves a mal, quem és?

Catarina

Eu... ok. Eu sou a Catarina, venho como a tua nova...

Luís

Nova quê?

Catarina

Eu venho tomar conta de ti  
no fundo, cuidadora.

Luís

Cuidadora, não fui informado de tal situação,  
é sempre a mesma história. Catarina, se faz favor,  
chega-te um pedaço só mais próximo?

Catarina, receosa, estranhando a situação, meio amedrontada  
com uma cena que apenas sucede em cinema, move-se devagar.

Luís

Catarina, vamos, tenho que me sentar?

Catarina chega-se o suficiente, entrando num espaço escuro,  
onde apenas incide um cinza no seu rosto.

Luís

Pronto, está bom.

Catarina

Não vejo.

Luís

Tu não consegues, eu vejo.  
(os olhos de Luis arregalam) Wow,  
desculpa todo este cenário de filme

digno de Hollywood, se calhar não estavas à espera.

Catarina

Ok... não... quer dizer, tinha sido avisada,  
mas não estava também há espera.

Luís

Pois, prazer eu sou o Luis.

Catarina

Vejo isso, Luis eu sou a Catarina a cuidadora,  
já tomaste pequeno almoço? e comprimidos?

Luís

Sim, já fiz tudo, no fundo vieste  
tirar o lugar da minha mãe.

Catarina começa por ir á cozinha pousa o saco e verifica o que  
está feito, o que tem para fazer ou ajudar.

Int.Casa.Cozinha

Catarina

Não, ainda não, apenas cuidadora.

(OFF)Luís

Ou seja, vens para cuidar de mim?

Catarina

Sou apenas uma precaução.

Int.Casa.Quarto

Luís

Precaução, perfeito, só me falta  
mesmo as grades(dizendo para si)

Catarina prepara roupas, lava, seca, começa pensando num  
momento de reflexão enquanto faz o restante, um "multitasking"  
criando receita para o almoço, receita esta nostálgica.

Int.Cozinha.Almoço

Catarina

Vou fazer o almoço agora.

(OFF)Luís

Está bem.

Catarina vai ao corredor principal, olhando para o escuro,  
responde de forma directa.

Catarina

Vou fazer uma refeição simples, se calhar uma massa.

(Off)Luís

Massa, ok, por mim está óptimo.

Catarina

Antes de tudo, não tomas banho?

Luís

Tenho esse costume, sim.

Catarina

Não será melhor tomares?

Luis

Há uma serie de requisitos para tal,  
luzes tem que ser desligadas, tens  
que me ajudar até a casa de banho a zonas  
de escuridão completa, depois tens que me ajudar  
a sair do duche, trazer para o quarto  
para me vestir. Só isso, não estou habituado a  
andar despido na escuridão com estranhos.

Catarina

E andar porco?

Luis

Ok, compreendo tudo isso,  
mas não me dispo a frente de estranhos assim.

Catarina

Obrigado, não estava preparada  
ainda, é tudo muito novo.

Luís

Tu e eu não estou habituado a  
simplesmente me entregar tronco  
despido assim a alguém.

Catarina

Se calhar mais para a frente.

Luís

Isso, se calhar mantém tudo normal.

O dia passou-se sem grandes convivências pessoais, Catarina apenas limitou-se a fazer trabalho de funcionária de cantina ou auxiliar de hospital, ajudando no comer, limpeza, ainda tomando algum tempo para sim.

Int.PortadeEntrada.finaldodia

Maria

Boa tarde...

Catarina

Boa tarde Sra.Maria, fiz o que me disse, mas não sei se isto é tarefa para mim...

Maria

Que se passou, ele insultou-te ou foi rude de alguma forma?

Catarina

Não, é mais algo...Dar banho não consegui... Quer dizer tenho algum receio.

Maria

(Respira fundo)Eu compreendo, mas também eu quase fiz-me a isto, podes deixar isso para mim, não há problema, tem sido tudo tão rápido tão caótico arranjar alguém, tu neste caso, pareceu-me uma solução para tudo isto pelo menos parte.

Catarina

Posso tentar, amanhã então.

Maria

Não sei como te agradecer, muito obrigado.

Dia.ext.casa

Chegando a casa Catarina, respira fundo, enquanto Maria saindo para o trabalho despede-se do filho.

Maria

Até logo. Depois diz-me se a Catarina veio.

Luís

Está bem, fiz alguma coisa de mal?

Maria

Não, não te preocupes.

Luis esperando olhando no escuro, casa completamente fechada, olhando para cima e para baixo, começa por divagar até a porta do seu quarto abrindo-a ligeiramente.

Catarina

Bom dia.

Luís

Foda-se...

A claridade da rua atinge os olhos de Luís enquanto a porta de entrada abre-se.

Catarina  
Que se passa?

Luís  
Vai-me buscar os medicamentos de urgência.

Catarina  
Hun...onde?

Luís  
NA COZINHA, POUCA LUZ POR FAVOR.

Int.cozinha.dia

Catarina  
Onde estão?!

(OFF)Luís  
No primeiro armário!

Catarina  
São gotas?

(OFF)Luís  
TRAZ?!

In.Quarto.dia

Catarina  
Que faço?

Luís  
Deita no olho, se faz... porra.

Catarina

Ok,ok,ok...

Luís

Agora deixa-me...

Catarina

Derramei.

Luís

O que foi?!

Catarina

Estás sujo, deste gel.

Luís

Isto vai agora acalmar a dor, parar o ardor  
fazer com que não fique cego de vez, depois sim,  
o gel e fluido vou me lavar hoje.

Catarina

Desculpa, não era para...

Luís

Tu, eu, ninguém.

Int.Casadebanho

Catarina

Já fez efeito?

Int.casa.quartoL

Luís

Já... Vou te explicar

Catarina

Ok

Luís

Vais ...

Catarina desliga as luzes, indicando de forma gentil o caminho, com uma certa vergonha em tocar no corpo, ainda vestido de Luis, deixa-o no duche enquanto espera dá início á sua tarefa na cozinha, á porta fechada e com boa disposição, começa de baixo tom cantando a medida em que atesta e vai preparando a primeira refeição pesada do dia.

Int.Casa.QuartoLuis

No quarto, Catarina liga a luz do covil, aparecendo um espaço todo ele cheio de objectos coleccionáveis como bonecos e carros em miniatura, projectos, desenhos, uns acabados outros inacabados, posters de videojogos, na sua mesa de cabeceira uma foto, Luis quando criança, ainda novo, sorriso inconsciente daquilo que é o mundo abraçado a sua mãe. Toda esta bagagem faz Catarina pensar em si, pensar naquele outrora foi livre sendo hoje um prisioneiro dos seus próprios pensamentos.

## Int.Casa.Casa de Banho

Luis acaba o banho, é resgatado, ele completamente embrulhado na toalha, no meio do vapor por Catarina, sendo depois guiado para o quarto para se vestir, já com roupas preparadas, com uma cara surpresa, ouve do quarto a quase cerimonia que se passa na cozinha. Numa casa onde música seria apenas o sinónimo de uma discussão acompanhada pelo som da televisão, este para Luis, de um tom completamente diferente, soa como um escape, por estranho que pareça a sua reacção deixa simplesmente se levar pela voz meiga, pela energia, deixando-o parado, deixando-o pensativo.

## Int.Casa.Cozinha

Catarina, leva o almoço para o quarto de Luis

Catarina

Tens aqui, a massa, Luis.

Catarina põe uma cadeira em frente a porta, do quarto escuro de Luis

Catarina

Posso juntar-me? Não estou habituada a comer só lá em casa, quando com gente.

Luis

Ok...Porque não?

Catarina

Bom apetite, espero que gostes,

não te preocupes comigo.

Luís

Ok, ok, tá bom, como ter um  
chef privado italiano.

Catarina

(Sorri) Obrigado

Luís

Eu gosto de comida italiana, quer dizer,  
pelo menos, gostava até ficar aqui fechado de  
quarentena, tipo morcego, já nem sei se as pizzas  
são círculos ou quadrados.

Catarina

Eu costumo fazer, sempre que posso,  
massa, é fácil, bom, prático.

Luís

Hum hum, acredito mas está óptimo(de boca cheia)

Catarina

Com calma, lembra-te, eu não te vejo be daqui,  
parece que vais te afogar na massa, as fotos que estão  
ali á porta?

Luís

Sim?

Catarina

És tu nas fotos?

Luís

Se ninguém as mudou, sim, costumava ser, eu, liceu.

Catarina

Parecias, um pedaço, não sei fofo, mas distante.

Luís

Hum, já tive os meus momentos,  
nesses tempos, gastei muito tempo  
sentado a tomar café a ouvir e ver o que se  
passava no mundo, só isso, a minha distração,  
ver o que se passava no mundo.

Catarina

Olhando..

Luís

Olhando, sim, olhar, ver os carros a passar,  
as pessoas a viverem as suas vidas de uma  
forma social, inconsciente..

Catarina

Por vezes é relaxante.

Luís

Não era só por isso, e tu pouco falas de ti.

Catarina

Dá-me o prato, obrigada. De alguma forma,

tu até pareces alguém  
inspirador, não estragues isso.

Luís  
(Ri-se)

Catarina  
Vou lavar a loiça, pôr as coisas direitas.

Luís  
Ok, e tu com essa forma desajeitada  
de falar, tens história também..

Luis, com um tom mais complacente.

Catarina  
Sim, tenho uma historia,  
de uma familia onde nada é funcional.

Luís  
Podes usar a luz da cozinha, não tem problema..

Catarina  
Mas não te faz mal?

Luís  
Por favor, não te ponhas na escuridão  
por causa da minha sensibilidade,  
podes continuar o desabafo.

Catarina  
De certeza?

Luís

Se quiseres.

Catarina

Não tenho isto, não tenho o papa e a mama,  
apenas limito-me a viver aqui ao  
lado com uma familiar.

Luis

Ok, desculpa não sabia que tinham morrido.

Catrina

Não, eles não morreram apenas  
são diferentes, sou adoptada.

Luis

Desculpa.

Catarina

Não desculpes, o meu conceito de pai e mãe  
apenas é científico.

Luis

Ok, já te estou a compreender.

Vemos Catarina indo em direcção á cozinha, Luis, no escuro,  
satisfeito com uma refeição diferente do habitual ao almoço,  
já havendo uma pequena conexão entre ambos, esta nova  
personagem que veio dar uma motivação diferente a Luis, uma  
motivação emocional que veio assim fazer com que Luis

repensasse na sua ideologia de vida presente, rever a sua teoria, se calhar dar um novo rumo, ou procurar ser diferente.

(Fast Forward)

Uma vista da cidade pela tarde, o sol que se põe, os tons laranjas vão-se lentamente desvanecendo para o azul escuro estrelado da noite, invadido pela bruma luminosa da luz que se faz nas ruas.(Slow fade out para a entrada da casa)

Maria

Então, como foi o dia?

Luís

Bom

Maria

Até soas diferente?

Luís

Não, tou na mesma,  
a mãe não me vê bronzado, pois não.

Maria

Sim, eu sei, o que quero dizer,  
pareces mais feliz .

Paulo(entrando em casa)

Quem está feliz?

Maria

Ele está diferente.

Paulo

Parece-me o mesmo, escuro,  
garantido que não apanhou bronze.

Maria

Conheceste já a Catarina? Desculpa, nós, quer dizer eu,  
sai de manhã e não disse-te nada, estavas a dormir não  
te queria estar a acordar, apenas para isto,  
também com a pressa levei o bilhete comigo.

Luís

Sim, ela é...simpática.

Paulo

Ok, toda esta conversa é interessante,  
adoro o teu melhor já agora,  
enche-me a alma, só não me tira a fome.

Maria

Credo, só disse para veres o  
rapaz como estava, o animo.  
Já te levo aí o prato da comida.

Luis

Está bem, também, sejamos realistas, ficar a falar se estou  
melhor, seria ilusório, os tons base do meu dia são todos eles  
cinza escuro ao preto, portanto.

Maria

É um e outro, idênticos, nota-se as semelhanças.

Paulo

Bom saber que algumas coisas pelo menos se mantêm.

A mãe, afasta-se, entra devagar para a cozinha, com o seu ar preocupado, mesmo assim consegue esboçar um ligeiro sorriso, um suave e delicado sorriso de conforto, um conforto espiritual, sabendo que embora todo o esforço implicado, todo o desgaste derivado a uma pequena grande situação, aquela pessoa no fundo ainda se mantém o seu ser natural.

Int.Casa.Cozinha

A mãe Maria, arruma os pratos, passando o pano devagar, entra o pai.

Paulo

Temos máquina de lavar

Diz calmamente, pousando a chávena de café sob a mesa. De repente, de forma desprevenida, Maria chora.

Paulo

Calma, é algo que não se pode reagir só com mágoa, dizem que há solução. Queres que esteja numa constante tristeza? Deixa-me feliz, o resto com o tempo chegará a solução.

(OFF) Imagem passa para o escuro Luis no quarto\*

Maria

Percebe como ele ouve isso.

Paulo

Ele percebe, ele já tem idade de perceber.

Dia.Ext.Rua.Pastelaria

Dono Café

Bom dia excelentíssima

Catarina

Bom dia, hoje, já tem bolos frescos?

Dono café

Sairam alguns a pouco, os  
salames são de hoje, os...

Catarina

Isso, pode ser

Dono Café

Um salame um carioca de limão?

Catarina

Não, hoje é para levar, tenho que chegar  
a horas ao trabalho, são dois salames  
se faz favor, para levar.

Dono café

Para levar, muito bem, dois? é melhor  
ter com quem partilhar que até são grandes.

Catarina

Não se preocupe, que eu divido bem.

Int.Casa.Quarto

No escuro do seu quarto, deitado, apenas vendo estes tons escuros, Luis deixa-se de pensar aqui como "eu", no escuro, nesta dimensão cria o infinito preto que o cobre, preconcebendo o que será de si de hoje em diante como ser consciente, até que o silêncio ser quebrado pelo som do trinco da porta de entrada. Assim deste ambiente de prisão, consegue-se um momento de liberdade precária. Ergue-se, passa as mãos no cabelo, um movimento inconsciente, mas ao mesmo tempo curioso, sabendo que nada vê.

Catarina

Bons dias...

Luis

Bom dia...

Catarina

Está tudo bem por aqui?

Vou começar já no almoço  
falta pouco tempo.

Luis

Ok, pode ser, acredito nesses dotes  
culinários.

Catarina

Tu apenas provaste, a dias, duas refeições,  
como quem diz, uma nem refeição é foi  
lanche, mas na mesma agradeço.

Luis

Hoje a ementa é de tom criativo?

Catarina

Logo verás, com direito a uma pequena  
sobremesa achocolatada.

Luis

Eu aguardo. Já agora nova medicação.

Catarina

Ok, estás com nova medicação e eu  
tenho que dar?

Luis

Só depois do doce.

Catarina

Ok.

Enquanto Catarina, por entre os tachos desenvolve, cria uma refeição digna de sabor, Luis no seu conforto do escuro, nada mais faz a não ser refletir, esta reflexão já não demonstra o negro como um espaço associado á escuridão, faz do negro um espaço livre, faz disto uma reflexão num espaço infinito, num mundo próprio, num mundo o qual a criação reflete o que o ser sente.

Int.Casa.Cozinha

Fazendo o almoço, delicadamente, no quarto ouve-se os passos que dá para ir buscar os ingredientes, os movimentos enquanto corta, os lançamentos fortes na tábua de corte, durante a preparação, alguns com alguma timidez, enquanto no fundo o borbulhar da água vai entrando de forma suave, os sons metálicos dão início a esta composição, na qual a chef, Catarina encontra-se de cara séria, não de aborrecida, séria de compromisso, um momento ao qual dedica tempo, este para se apresentar de forma mais pessoal, mais simpática, se calhar, a Luis que enquanto ouve tudo isto, apenas delicia-se com o odor.

Luis

É sempre assim?

Catarina

Desculpa, não ouvi, espera  
(desliga o exaustor) diz-me...

Luis

Se é sempre assim?

Catarina deita a cabeça de forma gentil da cozinha.

Catarina

Assim como?

Luis

Um permanente combate,  
diria, com a comida.

Ergue-se vai á porta, o feixe de luz que ilumina a entra da porta, sobe lentamente a medida que luis vai saindo.

Luis

Compreendo a batalha mas, seja como for o animal está morto não há necessidade para uma continua luta, cena tipo WWE, digo eu.

Catarina

Vejo ai o problema, mas nenhuma solução, ou queres que deixe o teu almoço a meio.

Luis

O palco é teu...

Ambos irónicos, um para o outro, com um sorriso simples, que esboça uma simples expressão capaz de resumir parte, apesar de

Luis ainda se manter no escuro, meio no escuro, atrevido, parecendo uma personagem de um filme noir, Catarina mantém a vida consigo, através dos seus olhos cor de pérola, ambos delicados, paralizam-se misturam as suas realidades, procurando tranquilidade.

Catarina

Em cinco minutos, já sentes essa paz. Esta quase pronto.

Luis agarra numa cadeira senta-se de porta aberta, olhando pelo túnel escuro até a risca de claridade, esperando o pequeno espaço de tempo, ali, Luis, apenas tenta caçar a silhueta de quem o traz a comida.

Luis

(OFF) Ok, esperando o jantar, só a espera de um momento que demonstre aquela silhueta, só a sombra, aquela mancha organizada que definisse aquilo que tu...

Catarina

Queres molhos?

Luis

Hum Hum

(OFF) Ok, tou preparado, ok, vamos, vamos a esses molhos.

Esperando, ouvindo os passos suaves e delicados, Catarina sai com os pratos, a luz de meio dia, tapada pelo seu corpo, cria uma silhueta escura, num espaço ínfimo de segundos, Luis é capaz de observar de formar breve a forma corporal, como um cego que lhe é descrito o momento, através do escuro Luis observa aquilo que nele ganha cor.

Catarina

Já vou buscar os molhos.

Repetindo o mesmo efeito, a sombra aparece, desta vez com uma pausa prolongada, tomando o seu tempo para apreciar as delicadas formas curvas que são projectadas no chão.

Catarina

Aqui, Ketchup, e o queijo não sei se gostas ou não.

Desculpa não tinha reparado a luz.

Luis

Não faz mal, gosto de ambos, realmente de  
aspecto parece ser algo diferente,  
algo melhor, pelo menos mais  
saboroso ao que estou habituado.

Catarina

Vou depois dar um jeito na cozinha,  
mas depois de uma sobremesa, qualquer  
problema com a ementa, não acredito que faça  
melhor mas aceito.

Catarina, entusiasmada, traz a pequena surpresa que é a  
sobremesa.

Catarina

Trago algo para deixar a vida mais doce.

Luis

Ok...inesperado, o que é isso?

Catarina

Salame, penso que gostas de chocolate.

No final do almoço, chegando à sobremesa que veio de surpresa,  
ambos reagem ao chocolate de uma forma muito equivalente,  
levantando os recantos dos lábios, onde vemos Catarina  
discretamente olhar para o sombrio quarto com um certo tom de  
curiosidade mesmo desejo, o qual não se pode falar da mesma  
forma daquele pequeno reбуçado.

Catarina

Vá, só isto?

Luis toma os comprimidos\*

Int.Hall entrada.Finaldetarde

No fundo, do corredor.

Catarina

Bem por hoje é tudo, amanhã á mais.

Luis

Porquê o doce?

Catarina

Desculpa?

Luis

Doce porquê? Que te deu?

Catarina

Achei que, merecias uma boa motivação,  
no meio do escuro sempre, precisas de cor.

Luis

Bom, cor já tenho de há uns dias para cá.

Catarina

(Sorri)Está bem, vamos então dar mais um pouco amanhã.

Luis

Se quiseres trazer mais fixador amanhã.

A porta abre, Catarina sai, devagar, olhando para trás, como quem se está desconectando de algo, deixando para trás algo, com um sentimento de segurança. (Ecrã entra em fade out aparece em letras 1 semana depois)

Catarina

Como está hoje as cores?

Luis

Mais saturadas que ontem.

Catarina

Uau...

Luis

Se quiseres ter a prova disso, podes sempre mergulhar neste escuro, se tens a coragem de sonhar..

Catarina

Não entendi.

Luis

Vem cá, faltou o pires..

Catarina, sente em vez de um frio sólido da cerâmica, o frio rugoso da mão de Luis, lentamente fazendo-a mergulhar no profundo escuro, na imensidão do escuro que por si, ganha forma após ela mesma sentar-se no colo, este já quente, concluindo com o beijo longo.

Como crianças, num espaço que apenas apela á curiosidade, á descoberta, mesmo ao pensamento, os dois tomam o seu tempo

para se descobrirem, para dar uma chance aquilo que é, e apenas poderia funcionar.

Luis

Desculpa.

Catarina

Porquê?

Luis

Como será isto para a frente? É isso que penso, a minha situação, que tipo de liberdade um casal assim pode ter...

Catarina

Calma, ainda é cedo, não estragues o que é bom, deixa ser apenas uma coisa de cada vez.

Luis

Se calhar, se calhar pensar estraga.

Semanas passam, escondidos do realismo familiar, mantém aquele laço ainda bem apertado, fresco, novo, sem nódoas, apenas com uns ligeiros e aceitáveis erros de fabrico, como numa típica e normal relação, de forma natural aceitam-se um ao outro, até o dia em que os ventos se cruzam, onde a tempestade torna-se difícil de contornar.

Int.Casa.Hall de Entrada

Maria

Já está a chegar, a Catarina, até já.

Luis  
(OFF)Até já...

---

Fase 4

Maria  
Bom dia, até logo.

Catarina  
Bom dia.(Cara envergonhada)

Vira-se para o escuro perguntando.

Catarina  
Não contaste?

Luis  
Não.

Catarina  
Bom dia, como estás?

Luis  
Bem, normal.

Catarina  
De certeza?

Luis  
Estou bem.

Catarina  
Ok, vamos tomar banho?

Luis

Agora não.

Catarina

Ok... Então vou ver o que há para o almoço.

(estranhando a atitude de Luis)

Int.Casa.Cozinha

Luis

(OFF)Eu estou farto.

Catarina

Pronto, então há qualquer coisa.

Int.Casa.Quarto

Luis

Estou farto, saturado de não ser produtivo,  
farto de viver no escuro, de ter as ideias, mas no entanto não  
há forma de pô-las no papel, porque não dá, simplesmente não  
dá.

Catarina

Não sejas assim, daqui a tempos  
regressas lá para um exame.

Luis

Um exame, consulta, e depois..

Catarina

Depois...

Luis

Isso, essa parte, o depois é a parte que ninguém me garante, foda-se até um recluso(voz baixa), isto o que é? Viver sem um propósito, sem uma função, sem ter prazer, a questão não passa disto.

Catarina

Tem calma.

Luis

Ok, ok, eu tenho calma, eu fico calmo.

Catarina sempre olhando par Luis repara que algo está estranho, o seu equilíbrio e estrutura de pensamento torna-se num labirinto, como um pequeno erro num computador, fica estático como uma estatuá.

Catarina

Calma, deu outra vez, mas calma Luis, já vai passar.

Após o momento estranho.

Luis

Então pensava que já era duas.

Catarina

Fazer um almoço, algo bom, depois descansamos,

isto é passageiro.

Catarina vai em seguida para a cozinha, começa a tentar fazer o almoço, seguindo o que acha ser o correcto, fá-lo, inconscientemente sabendo que tudo isto serve apenas como uma distração de algo que será inevitável escapar, sabendo que um almoço somente de forma milagrosa seria capaz de fornecer a cura para o problema, de uma forma mais explicita, adiar o inevitável.

Int.Casa.Quarto

Luis(OFF)

Foda-se, eu acho que me deu uma cena daquelas?

Como na merda da piscina.

Um pequeno raio de claridade, entra pelo quarto fazendo um feixe de luz.

Luis levanta-se, vai em direcção á porta de uma forma desesperadamente calmo, sentindo já aquela brisa de ar fresco nas suas bochechas ao mesmo tempo que passo por passo ouve, com melhor definição, a vida que se passa na rua.

Luis(OFF)

Perder memória, tempo, esquecer o que fiz,  
sei lá mais que merdas ardem aqui para dentro,  
o tempo que já perdi preso sem perceber o que é  
a rotina, agora esquecer aquilo que mais  
quero. Ficar múmia...

Luis quebras as regras ao se levantar e dirigir em direcção a porta, de olhos fechados, deixa-se levar pelos seus sentidos famintos misturados com esta crise da sua vida. Abrindo a porta, dá um passo para a rua enquanto faz o movimento, como um pássaro cai e abre as suas asas para voar ou como um pasteleiro projectando a cereja no topo do bolo, abrindo os olhos com a intenção de saciar aquela necessidade que nele se ressentia, uma falta de emoções, uma das quais a cor a atribuir a uma emoção. Um standard de vida. E tudo cai no branco, como se de um encontro divinal se tratasse.

---

Fase 5

Fade out

int.autocarro.estradaqualquer

Um autocarro, vêmo-lo ao que parece a subir uma colina com poucas pessoas no seu interior o condutor, um homem já de uma certa idade que vai sentado á frente e Luis de pé atrás segurando uma bicicleta olhando para a o idoso que de barbas brancas e boné vermelho. Este homem já velho tinha consigo um ar familiar, uma aparência usual ao mesmo tempo que olha para trás trazendo um sorriso benevolente com ele ao mesmo tempo,

de forma gentil, abanando a cabeça como acto de reconhecimento, Luis olha estranhando tal comportamento.

Observando a paisagem que também ela reconhecida com os pequenos bairros, as várias plantas que formam os tons de verde pelas montanhas, pequenos casarios. Tudo parece correto ver, ouvir os elementos da natureza em funcionamento coordenado até que ouve-se o rebrantar lento das ondas atrás do autocarro, seguindo o seu olhar para a direita, estamos juntos á costa, a estrada segue sempre as ondas calmamente chegam á estrada.

O passeio já não é o mesmo, Luis na mesma não se sentindo assustado vê que o autocarro segue o caminho na costa para cima.

Luis

(OFF)

Mas? Onde? Uau, eu acho que já não preciso da bicicleta. Mas que...

Olhando para o horizonte o sonho desfaz-se.

O velhote que se senta á frente olha mais uma vez para Luis, que sentindo o seu olhar, retribui com o mesmo gesto procurando-o com um aspecto de alguém que se calhar nunca esteve, ou esteve?

---

Fase 6

Ext.Alpendre.Tarde

O som de uma cadeira no alpendre, no fundo crianças. Luis sentado de óculos escuros apanhando o por-do-sol na cara, a criança passa a correr ao seu pé fica observando-o fixamente.

Criança

Porquê sempre de óculos escuros?

Luis

Porque a minha vida é feita ás escuras.

Criança

Isso é feio?

Luis

Só é feio se assim o pensares,  
há coisas que não se substitui no mundo mas,  
só o tempo te dirá melhor que eu.

Catarina

Amor, jantar? Deixa de ensinar, já lá vai.

Luis

O tempo é uma delas.

Fim

PARTE II  
Comentário

## Sobre a Base

Este argumento é baseado numa história verídica, claro ele todo contem alterações de espaço e personagens algumas assim como partes da história para uma boa continuação e ligação de conceito com a história. A narrativa vai-nos apresentar o Luis, rapaz aparentemente normal no inicio do da narrativa que gosta de ter tempo para a sua família, assim como relata o argumento. Luis e o seu pai Paulo vão pela manhã fazer exercício as piscinas locais, espaço onde se dá o incidente central de toda a historia o desmaio debaixo de água do filho e a sua perda de sensibilidade pela luz. A partir dai desenrola-se a narrativa, que procura sempre estar a volta deste mesmo problema da personagem principal e a sua condição de saúde que como em tudo, acaba influenciando o seu ser psicológico visto que o próprio é durante todo o progresso narrativo trancado dentro do quarto afastado da luz, uma decisão que o mantém fora de perigo evitando novas perdas de consciência, por outro lado perdendo aquilo que é a sua vida, a sua noção de cor. De todas as personagens presentes Mãe, o Pai somente a Catarina é aquela que vem para mudar este percurso da personagem através da sua amizade, depois do carinho que desenvolve por ele. O que se procura aqui, para além de uma solução para o problema de saúde da personagem principal, a forma de adaptação que o homem tem ás circunstâncias da vida e o papel essencial que trás o amor, aqui representado ele por Catarina, na vida do homem, hoje uma ideia já ela quase banalizada pela sociedade, também por alguns meios de comunicação e tecnológicos, mas quando verdadeiro todo o meio em que a pessoa se insere é alterado.

A linguagem das personagens tento fazê-la adequar-se conforme a sua idade, sendo os pais mantendo já aquele nível de respeito, o sotaque madeirense, o pai de voz grave a mãe o simples sotaque carregado, a única pessoa que se difere em termos de voz será o médico, já com um tom mais calmo e generoso, como pessoa compreensiva. A personagem principal Luis começa com o seu verdadeiro ser, voz normal de sotaque meio carregado, após o incidente, a sua voz passa para um tom mais depressivo. O depressivo provém daquela que é a condição da personagem principal, que ao longo da narrativa agrava-se, ganhando um simbolismo para além daquele que o leitor cria.

O argumento passa-se em vários espaços, mas um deles é o espaço que torna-se central á narrativa no seu todo, o quarto da personagem principal. Esse espaço é o seu refúgio, para além de refúgio e demonstrar um enorme conforto lá no seu interior é o espaço que provoca o outro lado desta curta o seu titulo “Incolor”. “Incolor”, por vários motivos se manteve esse mesmo nome como o titulo do argumento, como primeiro facto sem luz não há cor e a personagem principal mantém-se no escuro devido a sua sensibilidade pela mesma, objectos sem cor entre outros tem por tendência ter uma conotação de locais sem vida, espaços sem alegria ou energia positiva, esta personagem ao longo do seu processo médico torna-se alguém com menos energia, menos vontade, tudo o que tem cor tem vida o que não tem cor é o oposto. O titulo tem um papel essencial, para contrabalançar o mesmo na narrativa a prova do Amor vem para colorir aquilo que a personagem pede.

## Sobre a Estrutura

Escrever um argumento, pelo início torna-se desafiante, compô-lo na sua prática torna-se algo para além de desafiante. Este um género de escrita, diferente daqueles a que de forma rotineira estamos habituados a escrever, ler e aprender ou seja, não é uma escrita de caracterização e descritiva. Esta escrita contrariamente ao restante, tem como base uma função de guia. daquelas obras literárias já lidas, compreender um argumento a uma obra de J. K. Rowling, o *Harry Potter*, apesar desta ficção e aventura ter sido convertida para aquilo que foi a série de filmes mais vista no mundo, compará-la com o seu argumento nunca será a mesma coisa, lê-lo então será bem distinto. Um argumento não se constrói a partir do mesmo sentido que um romance, apesar de como tem ser um romance. Segundo Jean-Claude Carrière o trabalho essencial de um argumentista é escrever um guião, trabalhar e centrar-se numa narrativa baseada em conversas entre duas personagens, ou mais, consoante as cenas em que devem ser descritas também estas muitas vezes pela própria personagem.

O facto de querer fazer um argumento original, tornou-se mais simples no sentido em que não tenho um limite de seguimento da história em si, ou seja, a narrativa é criada seguindo uma forma específica e única. Claro nem tudo pode ser simples, por outro lado, o facto de não ter uma base tornou-se difícil num aspecto de desenvolvimento da mesma. Sem uma base, ver esta narrativa crescer foi como estar no meio do nada sem um mapa, restando apenas uma bússola.

Adaptar-me a este novo género de escrita foi um peso acrescido, para torná-lo algo suportável encontrar uma estrutura assim como um exemplar foi um passo essencial para compreender termos técnicos, formatos, estrutura e dentro deles encaixar aquela que era a ideia para a obra.

Michael Hauge<sup>1</sup>, Tarantino, Christopher Nolan, todos estes têm estruturas e estéticas diferentes no seu trabalho, todos com um *Jo-Hai-Kiu*<sup>2</sup>, regra estabelecida na idade média por um mestre japonês de teatro significando a divisão em três movimentos essenciais, três

---

1. HAUGE, Michael, “Screenwriting Plot Structure Masterclass - Michael Hauge”, <https://www.youtube.com/watch?v=besl6G4p4nw> (consultado em 10/02/2019).

2. CARRIÈRE, Jean - Claude e BONITZER, Pascal, *O Exercício do Argumento Cinematográfico* (Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2016).

espaços essenciais que traduzidos simbolizam “preparação, desenvolvimento, esplendor”. Seguindo a estrutura que Michael Hauge compôs, nomeando-a de *six plot structure*, uma estrutura constituída por três partes essenciais, um início, meio e fim, na qual entre elas se encaixam outras três fases de transição. Esta estrutura, relativamente *Jo-Hai-Kiu*, mantém-se idêntica ao seu significado, (Jo) o primeiro acto, introdutório, (Hai) segundo acto relativo ao desenvolvimento da narrativa, (Kiu) terceiro acto sendo a conclusão. Dos vários tipos estruturais que mundo cinematográfico tem, este foi aquele que achei ser mais simples de adaptar. Dos mais variados como o *Real Time Structure* a narrativa desenvolve de uma forma continua sem pausas ou flashbacks, todos os momentos são relevantes para a história ou *Multiple Time Line Structure* uma estrutura mais complexa, na qual a narrativa toma vários caminhos em diferentes espaços temporais, no entanto ligam-se através de uma mensagem, imagem ou através de uma emoção partilhada. Tendo em si um plano estrutural mais simples, com regras definidas para um funcionamento da mesma fê-lo ser organizado, como principiante neste tipo de escrita deixou-me com um caminho narrativo mais definido. *Jo-Hai-Kiu* em todas as diferentes formas estruturais encontra-se presente como início, desenvolvimento e conclusão.

Para além da estrutura, a técnica da escrita de um argumento está distante daquela normalidade que é escrever um simples documentário, uma biografia, um artigo de opinião ou mesmo um romance. Como temática pode abordar essa mesma temática, no entanto, o argumentista concentra-se na ideia e constrói-a através de diálogos. Estes diálogos são a fonte escrita do argumento, que contrariamente ao restante, permitem fazer aquilo que designado por Jean- Claude Carrière, uma escrita invisível. Ou seja, a descrição daquilo que a personagem sente, detalhes do espaço, movimentos da personagem e algumas deixas temporais são feitas através do diálogo. Este lado do argumento toma um tempo a compreender e entender o porquê de toda a situação.

Ter a estrutura, ter o conceito da escrita, as regras mas não ter ideias é momentaneamente mau. Como novato neste ramo, ter regras para além do lado pedagógico que foi, deixou-me confortável pelo facto de manter aquele “mapa” como um material de orientação para o desenvolvimento narrativo e seguro talvez pela forma como a própria se desenvolve, tenho noção ainda um pouco presa a esse mesmo “mapa”. O estar preso fez com que este mesmo argumento não variasse do seu fundo base, deixando ainda algumas

passagens com pouco sentido, personagens que teriam que ser mais bem trabalhadas de forma a estabelecer ao leitor uma ligação, aqui apenas uma é trabalhada ao detalhe, o leitor cria uma possível ligação momentânea através da actuação, ou seja uma relação pela sua atitude em cena. Afinal o argumentista quando escreve, não escreve para si, a sua obra tem como finalidade representar um misto de situações nas quais o espectador tenha um momento de espelho que o faça lembrar eventualmente refletir num momento de lazer, o que quero dizer é, na prática o argumento é escrito numa primeira pessoa, a personagem, mas constituído eventualmente filmado ou dirigido a pensar numa terceira pessoa, o espectador. As cenas mais importantes de um argumento são escritas e rescritas, revelando onde será que tem mais impacto para o próprio espectador. Este é um dos lados “psicopata” da tarefa criativa que é escrever uma história para alguém, compreender a sua reacção a tais situações, nesta tarefa ainda estou a aperfeiçoar esse meu lado.

Juntamente com este lado prático da própria actividade que é escrever um argumento, ideias são essenciais para a sua criação. Ao longo da narrativa ideias vão surgindo, no final de cada cena, cada diálogo as opções bifurcam-se, ou seja, vários são os rumos que se pode levar a narrativa, tudo depende da intenção seguinte. A determinação nestas situações de como prosseguir, estabelecendo principalmente a regra de uma vez uma situação feita, não se pode voltar atrás, de outra forma seria uma obra em constante mutação.

Estas foram as principais dificuldades na pratica deste trabalho, que é concluído sempre como uma obra aberta para o seu desenvolvimento no passo seguinte, ou seja, sendo um argumento cinematográfico ou mesmo teatral, modificações em momentos de gravação ou de actuação é sempre algo que pode ser necessário por vezes alterando cenas, no fundo este é um trabalho constituído por uma equipa de criativos, neste caso o realizador tem um toque essencial neste mesmo mapa de trabalho que é o guião assim como os actores. Esta noção por vezes pode se tornar difícil de conceber observando o seu trabalho a ser alterado por teorias e reflexões de outrem.

*SIX PLOT STRUCTURE*<sup>3</sup>

<b>“Six Plot Structure” por Michael Hauge</b>		
<b>Parte 1</b>	O protagonista faz a sua apresentação ao público com o seu passado, como era, o que fazia, a sua relação para com o mundo e o seu espírito, a energia que ele transmite.	<b>Acto 1</b>
<b>Oportunidade</b>		
<b>Parte 2</b>	A partir do momento em que é lhe exposto esta nova condição, este novo caminho, esta viagem toma um novo rumo uma adaptação do protagonista ao seu próprio panorama.	
<b>Não há retorno</b>		
<b>Parte 3</b>	A contínua ajuda e amizade que fora construída entre ambos, Luis e Catarina, começa por deitar no chão algumas barreiras, com elas uma evolução na vida familiar para melhor, a relação que é estabelecida entre o protagonista e os pais constrói-se mais fortes ainda tremendo com receio da condição.	<b>Acto 2</b>
<b>Contratempo</b>		
<b>Parte 4</b>	Nem tudo é o paraíso, com a chegada de uma relação assumida o protagonista vê-se exposto num momento de reflexão devido às circunstâncias em que está relação sobrevive, a questão central sendo o tempo, passar ou gastar tempo em algo que por ventura poderá ser um investimento a longo prazo mas de risco, grande risco, ninguém quer ficar com o peso na consciência de ter gasto tempo de vida em vão.	

<sup>3</sup>. HAUGE, Michael, “Screenwriting Plot Structure Masterclass”.

<b>Climax</b>		
<b>Parte 5</b>	Após um sonho, o protagonista leva tudo a um grau único, seu, escolhendo um caminho com uma perspectiva de terceira pessoa assumindo uma atitude auto destrutiva derivada ao seu passado infantil, ou devido a um motivo subconsciente permitindo a concretização de um desejo já há muito reprimido, a sua liberdade.	<b>Acto 3</b>
<b>Final Push</b>		
<b>Parte 6</b>	Na cena final, apenas vemos um sujeito, o qual supomos ser o protagonista, num alpendre o espaço colorido também bem iluminado pelo por do sol junto daqueles que são considerados para o mesmo aquelas pessoas de maior importância na sua vida, aqui o protagonista apenas fala ouvimos uma voz rouca, gasta ela até velha soando sabedoria, sentimos assim o saber da idade. Será tudo isto um sonho ou uma realidade deixamos para o leitor esse conceito.	

Escolhendo o “Six Stage Plot Structure” que neste argumento foi utilizado, estrutura está definida por Michael Hauge<sup>4</sup>, foi utilizada como forma de organização da própria história, das ideias, capacitando uma suave transformação das mesmas ao longo da narrativa com os eventos chave para o seu crescimento uniforme.

Este método como tal definido, divide a narrativa em seis partes. Na totalidade da narrativa, deixando-a construída com três actos principais, desses três actos padrão dividem-se duas viagens, a viagem interior que é constituída pelas seis famosas partes, a viagem exterior que constituída por seis partes com conteúdo ideológico diferente. Na totalidade, seis partes para cada lado que se adaptam e contam simultaneamente, entre elas um meio de progresso de cada uma, tudo centrando-se neste caso na personagem principal. Este processo

---

<sup>4</sup>. HAUGE, Michael, “Screenwriting Plot Structure Masterclass”.

faz alterações no diálogo ao longo de narrativa com ele em simultâneo lado emocional da personagem altera-se.

Claro que esta estrutura não será apenas única para a criação de narrativas que se centram em apenas uma personagem central, ainda que se consiga adaptá-lo a diferentes géneros, no entanto torna-se mais simples e organizado tê-lo feito desta forma.

## *MEMOIR*<sup>5</sup> - HISTÓRIA VERÍDICA

Escrever uma história verídica é a forma mais significantes de atribuir significado á própria vida. Algo que todos escritores deveriam fazer, mesmo não estando interessados em vender o argumento ou livro. No entanto a escrita de algo desse mesmo género, pelo seu teor pessoal, é uma tarefa difícil. A tarefa de seleção, um saber estar de eventos da vida, apenas deixando aqueles que são capazes de construir um arco de eventos sentimentais e emocionais para a sua produção. Várias são as técnicas que ajudam a essa mesma construção, de clarificar esta premissa de compreender o que aconteceu nesta vida, deixando sempre aquela questão como é a minha vida única e qual o seu significado?

---

### ESTRUTURA TÉCNICA 1

#### COMEÇAR POR DESCOBRIR QUAL A SUA BATALHA

Uma das maiores restrições que são feitas ao autor é que simplesmente não existe uma batalha natural, ou aquele clímax na vida real de um alguém. Um exemplo, não havia “batalha campal” dentro do tribunal no qual foi decidido o acordo multi-milionário.

Como não dá para mudar os factos da própria vida, o essencial será concentrar-se na estrutura da sua história, do início ao fim, tornando-a o mais dramática possível.

---

<sup>5</sup>. PARENT-ALTIER, Dominique, *O Argumento Cinematográfico* (Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2004).

Uma das melhores formas de estabelecer uma estrutura é encontrar uma batalha, tornando-a central, isso fa-la falar por si só. Depois deste lado, regressar ao inicio para estabelecer um começo.

---

## ESTRUTURA TÉCNICA 2

### A INTRODUÇÃO DO PRÓPRIO COMO NARRADOR DA HISTÓRIA

Quando escrevendo algo como uma “mémor”, o autor/escritor tanto é aquele que narra a história como é a personagem principal. Isto significa que há uma necessidade de se justificar á audiência algo.

Não há uma necessidade de se introduzir como narrador de forma passiva, antes a sua apresentação deve ser feita de uma forma, activa, uma situação dramática. Exemplo, uma luta que se dá ou um momento de grande importância, é uma forma prática também benéfica da narrativa expor o narrador no enredo, de criar suspense sobre o mesmo, assim como atribui á história um começo como se fosse um conto.

### ACTO 1

Aqui recebemos através de um acto introdutório os elementos essenciais para a compreensão do enredo, daquele que é o núcleo e os lados da história. A abertura do acto começa numa localização espacial (Funchal, Madeira), através de um momento descrito este íntimo, pessoal entre Luís, aquele que é o protagonista e o seu pai Paulo a sair de casa para uma sessão matinal de exercício nas piscinas locais. Durante a apresentação do espaço e das personagens vai introduzindo-se ao espaço temporal através de um jogo de legendas e de câmara. Esta cena como espaço de apresentação do protagonista faz já com que o leitor cumpra um desenho imaginário daquilo que esta personagem faz, como reage, o seu padrão de comportamento, tanto a este que será o protagonista como a Paulo uma das personagens secundárias. Na cena preparatória matinal, através da exposição musical, o pequeno almoço rápido assim como a preparação do equipamento num flash percebemos que Luís de manhã

tem como um ritual construído, uma forma matinal de acordar sendo tanto rápida como ao mesmo tempo lenta pela chamada de atenção do pai.

Como espaço de exercício, ao mesmo tempo de puro relaxamento vem as piscinas, um espaço não muito antigo, renovado onde com mais indivíduos de várias idades e estatutos sociais lá mesmo. Este lado também de apoio moral quase para com o pai fá-lo uma pessoa amigável. A água tanto pode ser férias como pode ser próprio gosto ou prazer, aqui vem a demonstrar ser algo diferente.

A introdução do problema aparece, com o protagonista a enfrentar uma situação de vida ou de morte. Embora esse dramatismo todo, no hospital é-lhe definido mais um desafio no qual os seus próprios olhos deixam de ver o mundo com as mesmas cores. Após uma situação, uma experiência de vida de tal grau o ser humano geralmente tende a repensar os seus valores, repensar no tempo que viveu, naquilo que lhe resta e o quão ténue é esta linha que nos separa daquilo que nos mantém ligados para aquilo que nos pode desligar. O seu momento de emergência o qual fica submerso na piscina é aquele que se pode designar o conflito do restante enredo, uma condição de saúde, embora esta tomada adquirida em tom de brincadeira já no hospital comportamento daqueles que confrontam a realidade através do conforto da ironia, acaba tomando proporções maiores retirando toda aquela cor a que se pintava através de um humor.

Este novo panorama remonta-nos não só ao título mas ao próprio estado de saúde e psicológico do protagonista o qual se revê ao longo da história naquele único espaço em que se encontra, com apenas uma nova pequena luz, aquela que o é capaz de puxar desta espécie de “sol negro” aparecendo já nos últimos momentos deste acto, Catarina aquela que se encontra á deriva após a morte de um familiar importante, entra na sua ida para ser cuidadora de um jovem.

## ACTO 2

Este Acto 2 centra-se todo o desenvolvimento das personagens centrais e no desaparecimento de algumas. Luís, Catarina, Maria e Paulo mantêm-se no centro do enredo, enquanto o restante faz ligeiras aparições complementares ao mesmo. Nesta parte extensiva do argumento

o protagonista tem uma nova caminhada para fazer, com esta nova condição, Luis torna-se um prisioneiro caseiro, retido no seu quarto num ambiente escuro, longe dos estímulos brilhantes visuais que o desenfadem de momentos menos agradáveis. Catarina ao longo deste acto, vai progressivamente ganhando um novo olhar para a vida, assim como uma possível nova relação que também é construída com o protagonista.

A relação que se desenvolve neste acto entre estas duas personagens é uma ligação essencial para o desenrolar da história. No primeiro Acto percebemos a negação sarcástica da personagem principal quanto ao seu problema, o seu desanimo total quanto a um novo estado físico e mental que o suga daquela que ainda era uma realidade tolerável para o mesmo. Neste Acto atribuímos significado aquela que é a viagem interior e de compreensão de vida onde o amor tem um papel essencial. Nesta nova caminhada, a continuação da luta contra o seu novo estado de saúde. Amor neste segundo Acto “lida a viagem”, a relação estabelecida com Catarina permite um desabafo do próprio protagonista, que se torna hábito após vivências que são também lembradas e do que o próprio cenário deixa escapar para a própria narrativa. Catarina ganha aqui o leme, para com a audiência ou leitor, estabelecendo um papel de guia ou mesmo investigadora que através desta amizade guia-nos pelo passado, presente e prospectando um futuro desta personagem.

Central neste Acto está o sentimento do Amor, a personagem que entra na narrativa com a missão de propagar este sentimento pelo enredo, ainda que muitas vezes pouco valorizada, esta é uma personagem de valor emocional e sentimental que para além de permitir um desenvolvimento da viagem principal, consegue desenvolver simultaneamente e em segundo plano a viagem interior do protagonista. Na viagem principal encara a sua resolução através da sua presença juntamente com a conclusão daquela que é a viagem interior do protagonista.

Várias são as personagens chave para o desenrolar correcto de um filme, com o seu papel específico, não é simplesmente atribuído por vontade e desejo do próprio autor, mas também por uma ciência narrativa já centenária que mais abaixo é referida.

## ACTO 3

Este acto sendo o último faz uma compilação do processo ideológico e narrativo de todo o enredo, até aqui apenas estivemos a compilar, organizar e criar as situações todas para chegarmos a um espaço de teor conclusivo, ou seja aqui entrego a minha mensagem após a ser completo todas as circunstâncias do enredo.

Neste acto após a continua ligação que assistimos entre ambas as personagens, que nesta situação simbólica para o protagonista, o á vontade de ambos notamos já um certo sentimento familiar, uma relação que passa o lado da preocupação da amizade na qual já tem outros níveis expostos para a mesma, ambos estabelecem um laço forte. O simbolismo destes laços fortes é o significado que é atribuído aos mesmos pela pessoa nele envolvida assim como o seu método de pensamento para situações emocionais, isto para referir relações tanto amorosas como de grande amizade são capazes se criar intenções secundárias ou pensamentos revolucionários perante a vida de uma pessoa, aqui pode ser esse o caso.

Luís após meses de uma lenta, tortuosa decaída na sua rotina diária fê-lo pensar no seu passado, no seu presente e talvez perspectivar o seu futuro o qual de momento, as formas desse mesmo desenho não pintam devido a uma falta de prontidão naquilo que no geral é tomado de forma já por defeito, uma garantia. O medo que existe, que é criado como barreira devido há sua situação de saúde, através da ajuda da personagem que o traz amor consegue libertar-se é procurar uma cura, um momento de liberdade, este ainda como vingança, ergue-se para com a vida. O momento representativo de tal, a saída para a rua durante o dia, onde o protagonista num momento em que sente falta de sentir não só a cor, sente o sol na pele, Luís sente a liberdade e o mundo com todos os seus cinco sentidos num momento representado através do seu corpo, deixando-nos com um final de uma imagem daquilo.

## Sobre o Tema

Como temática central do argumento temos que nos aperceber para além do seu título, “Incolor”, que interage de forma conceptual com a personagem principal levando a narrativa a desenrolar-se em redor. Isto porque o espaço aqui toma uma grande parte do tema, ou seja, esta experiência de responder a um título através de uma conjugação do cenário, personagens e história. Em suma de tudo este pequeno espectáculo representa aquela que é a vida daqueles que vivem dentro da divergência crónica, da doença ou condições físicas e psicológicas que os separa do tempo de vida que pode ser preenchido por momentos de cor partilhados com os ditos indivíduos normais. Estas pessoas em questão com estes padrões de saúde específicos muitos acabam por se individualizar, se separar do restante, fazendo uma pausa indefinida na sua vida social alguns dos casos, profissional. Tudo isto devido a uma falta de aceitação, falta de compreensão da sociedade dos dias de hoje, numa generalidade simplesmente ignorar sintomas transparentes por vezes que, no entanto são mal diagnosticados. Claro que nem todas as situações tomam este padrão repetitivo. Num mundo pequeno, como referido por muitos, uma aldeia global, muitas sociedades diferentes o habitam, todas com diferentes genéticas sociais.

Na narrativa, a personagem ganha este lado obscuro, o lado da sua nova condição de saúde, uma nova adaptação ao seu habitual ambiente de vida, condicionando-o apenas aquele quarto. Luz é algo que se torna proibido nesta nova viagem de vida. Esta personagem deixa-se em pausa devido ao sua condição crónica. Como esta ficcional, existem casos verídicos que são limitados a um espaço seja ele físico ou mesmo fictício, com o mesmo intuito, a obrigação de tentar garantir uma melhoria na sua vida pessoal, por vezes estes casos são afastados dos ditos normais devido á sua estranheza, ás suas restrições que os expõem de forma subtil ao mundo do dia-a-dia.

Mudar pensamentos e emoções é uma tarefa complicada sendo que expô-las indica o primeiro passo da tarefa, o seu desenvolvimento seguindo esta mesma reflexão, conectando os vários pontos de uma forma coerente criando como uma composição ideológica e conceptual

no próprio argumento através dos espaços, veste, perspectivas também ambientes, é a verdadeira dificuldade da união do lado criativo e conceptual.

## MATÉRIA

“Incolor”, como o próprio nome indica, define algo que não tenha cor, num tom mais emotivo algo sem vida. Aqui demonstramos neste incolor uma história de amor que é revelada a partir da vida de uma personagem sem cor, uma personagem que se revela desinteressada pela vida assim como pelos seus métodos de cura. Como o que podemos observar na evolução da personagem principal, a mutação ao longo do argumento de uma personagem que aparenta ter um estilo de vida normal que aos poucos vai-se vendo cada vez mais fechado em si e no seu mundo devido á sua questão de saúde. Num todo, o amor não é algo de acesso fraccionado, não é algo que se assemelhe ao carteiro o qual todos os dias passa por nós, o amor é algo que envolve espera, dessa espera envolve sacrifício, em geral do nosso tempo, amor seja este o amor próprio ou mesmo o amor romântico.

## Sobre as Personagens

Esta história tem um conteúdo pessoal, as personagens aqui mencionadas todas elas baseiam-se em alguém familiar, neste caso a constituição da família que compõe o espectáculo núcleo é a minha, situações que se disputam ao jantar principal é um acontecimento. Interessante foi observar a construção destas personagens foi quase psicanalítica, não num seu todo mas eventuais ideias ou conceitos que aqui se demonstram serem representados pelo meu inconsciente.

O conveniente e mais trabalhoso foi delinear as viagens das personagens cridas de forma a que todas em dada circunstancia se cruzassem na história, não um cruzar só de complementação narrativa mas cruzar das próprias histórias das mesmas de forma a complementar aquele que seria o espaço vago a ser preenchido. O herói não se cria só, necessita de uma situação ou narrativa paralela de algo que entre para o complementar. Das personagens todas elas entram no seu determinado tempo, para criar aquela determinada função na narrativa, Joseph Campbell<sup>6</sup> com os doze passos da viagem do herói, aqui não tenho personagens para criar tanto. Neste argumento não há uma personagem definida como o inimigo, um *trickster*, o herói e personagem principal garante aqui um comportamento quase ambíguo. Herói como personagem principal e actuando como inimigo de si próprio devido á sua condição. O restante elenco tem com ele também comportamentos adequados a esta personagem central, comportamentos bipolarizados tirando a personagem Catarina, como *mentor*, ou seja aquela personagem que vai no fundo acompanhar e aconselhar o herói da narrativa, uma personagem essencial para a narrativa.

---

<sup>6</sup>. CAMPBELL, Joseph, *Interpretations of Joseph Campbell and the Hero's Journey* (consultado em 24/10/2019)

## Conclusão

Este como meu primeiro argumento, foi aquele que seria o primeiro passo, mesmo que sendo ainda um pouco às escuras, neste lado do cinema que cria e define as ideias de uma aventura real, ou um simples ideal de vida, ou mesmo um conceito esse que seja de pertinente matéria ser trabalhado e exposto no papel através de uma narrativa esta que seja capaz de contar todo o seu potencial, tanto o negativo como o positivo, afinal de contas, uma verdadeira narrativa precisa de conter em si sempre um pedaço de drama para que deixe sempre aqueles que a vêem num momento de reflexão. Esse será o verdadeiro lado do cinema, no entanto, onde se centra o real meio de trabalho do argumentista? É na demonstração e simulacro emocional? Ou na construção de uma narrativa qual tenta ser ela um produto de simples entretenimento, este sem ligações restantes á memória?

Este projecto após a sua conclusão e uma segunda leitura, é feita com olhos de uma terceira pessoa. Na primeira vêes que o faria apenas via uma história de drama, uma história que fosse construída pela tristeza da sua doença, enquanto a partir deste mesmo argumento consegue ser adaptado a diferentes géneros, este panorama do quarto enquadra-se naquilo que é este novo problema social que caracteriza aquilo que é as gerações mais novas, um medo da sociedade, falar com aquilo que é desconhecido numa eventual circunstância cara-a-cara. Na segunda com os tais olhos de um “ele” a narrativa toma logo um rumo diferente. Correções tinham que ser feitas e algumas análises da própria história.

Ser argumentista no seu núcleo, para além de criador, é um ser criativo que trabalha brincando, brincando com as emoções e situações. A construção de uma narrativa baseia-se na simulação daquilo que o próprio assiste como Ser que é. O argumentista cria a partir do seu, citando uma ideia de Daniel Kahneman<sup>7</sup>, *Ser Narrativo* ou seja, um Ser que todos nós temos que funciona através de uma análise daquele que é o nosso *Ser em Experiência*. *Ser em Experiência* é aquele que pensa e vive os momentos, no entanto, este não sabe explicar ou comunicar como passar pelos mesmos. Já o *Ser Narrativo* é aquele que através dessas mesmas experiências faz uma análise do seu momento estabelecendo uma “média” do seu

---

7. NOAH HARARI, Yuval, *Homo Deus* (Braga: Elsinore, 2018).

ponto auge e do seu final, a *Peak-End rule*, estabelece uma média total de dois momentos de grande intensidade emocional. O argumentista trabalha num processo de pensamentos idênticos a este, ou seja, analisando aquilo que será o momento auge da cena, através de uma experiência pessoal, ou que tenha observado, sendo ainda referenciado o género *Mémoire*, este argumento poderia ter elementos que o relacionassem mais com esse mesmo género, tendo partido de diversas memórias, acontecimentos verídicos, no entanto ainda em si deixando uma ficção, um lado mitológico através da sua sequência.

Neste projecto se calhar deveria ter mesmo assim deixado parte deste meu Ser em Experiência e simplesmente tido uma abordagem puramente narrativa. Criar uma obra de teor pessoal, tem este lado de não haver aquilo que é uma escolha de situações básicas para a cena, ou mesmo para a história. Por outro lado consegui fazê-lo, complementando aquele que era o meu pensamento inicial do próprio projecto, criando algo que esperava concretizar, aprender assim como informar-me. Após ler e ver a entrevista de Joseph Campbell, o contraste feito daquele que é o mundo mitológico com a realidade, o impacto social que causa que é provado pela nossa história como espécie e como cidadãos. Como espécie o nosso desenvolvimento apenas foi feito através da formação de grupos, tribos, que se uniu e cresceram, a nação alemã de hoje uma união entre salões, prussianos, suábios e bávaros. Hoje através da ajuda da mitologia, capaz de manter também atribuir a mesma perspectiva num só grupo, progredimos para esta união geral concluindo numa civilização global. <sup>8</sup> fala da importância da perspectiva e a sua influência no ser.

Aqui para além das teorias e conceitos cinematográficos que consegui reter, houve uma compreensão deste espaço único, um espaço criativo onde perspectivas, histórias, conceitos e mitos entram em fusão construindo um só ambiente para todos como um entretenimento. Todos eles manipulam a nossa perspectiva, mexem com as nossas emoções e são eles evocados em diferentes ambientes que acabam por influenciar todo o restante. Aqui chego a compreender que o uso de um argumento é complementado pela imagem, daí esta tarefa ter sido complicada, apenas se completa através de um mapeamento da imagem, no qual diversas são as perspectivas que podem ser estudadas ou testadas. Com estes dois anos deram-me a chance de evoluir o meu *Ser Narrativo* a fim de conseguir pô-los em prática naquele que é o meu *Ser em Experiência*. Seguindo ao longo do tempo garantindo algo

---

<sup>8</sup>. LIPTON, Bruce, “99% WILL FAIL THIS TEST! See How Wrong Is Your Perception”, <https://www.youtube.com/watch?v=io7of-OVQRo> (consultado em 10/2/2019).

essencial para projectar mais pensamentos, reflexões, trabalhos ou mesmo para plena diversão, Ser Cognitivo, este é aquele que sem ele o Ser Criativo não consegue criar uma obra linear conceptualmente, sem todos eles estarem num equilíbrio ideal.

## Obras Citadas e Consultadas

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*, org. Betty Sue Flowers. São Paulo: Palas Athena, 1990. [http://gepai.yolasite.com/resources/joseph\\_campbell\\_%20o\\_poder\\_do\\_mito.pdf](http://gepai.yolasite.com/resources/joseph_campbell_%20o_poder_do_mito.pdf) (consultado em 5/6/2019).

CAMPBELL, Joseph. *Interpretations of Joseph Campbell and the Hero's Journey* <https://msu.edu/~jdowell/pdf/JosephCampbellPathHero.pdf> (consultado em 24/10/2019)

CARRIÈRE, Jean-Claude e BONITZER, Pascal. *O Exercício do Argumento Cinematográfico*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2016.

EDSON, Eric. “Eric Edson's Top 23 Screenwriting Lessons”. <https://www.youtube.com/watch?v=Mo2-7RMOh5o> (consultado em 5/6/2019).

GARDIES, René (org.). *Compreender o Cinema e as Imagens*. Lisboa: Texto & Grafia, 2006.

HAUGE, Michael. “Screenwriting Plot Structure Masterclass - Michael Hauge”. <https://www.youtube.com/watch?v=besI6G4p4nw> (consultado em 10/2/2019).

HUNTLEY, Chris. *A Comparision of Seven Story Paradigms: Dramatica, Syd Field, Michael Hauge, Robert McKee, Linda Seger, John Truby, Christopher Vogler*. Glendale, CA: Write Brothers Inc. [http://dramatica.com/resources/assets/Dramatica\\_paradigms-0707.pdf](http://dramatica.com/resources/assets/Dramatica_paradigms-0707.pdf) (consultado em 20/5/2019)

KLEINMANN, Paul. *Psicologia*. Lisboa: Jacarandá Editora, 2017.

LIPTON, Bruce. “99% WILL FAIL THIS TEST! See How Wrong Is Your Perception”. <https://www.youtube.com/watch?v=io7of-OVQRo> (consultado em 10/2/2019).

MIYAMOTO, Ken. “10 Screenplay Structures That Screenwriters Can Use”. *Screencraft*, 16 janeiro 2018. <https://screencraft.org/2018/01/16/10-screenplay-structures-that-screenwriters-can-use/> (consultado em 25/8/2019)

NOAH HARARI, Yuval. *21 Lições para o Século XXI*. Braga: Elsinore, 2018.

NOAH HARARI, Yuval. *Homo Deus*. Braga: Elsinore, 2018.

NOLAN, Christopher. “18-Minute Analysis By Christopher Nolan On Story & Construction Of Memento”. <https://www.youtube.com/watch?v=tYScJZWhaHA>(consultado em 20/8/2019).

PARENT-ALTIER, Dominique. *O Argumento Cinematográfico*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2004.

TRUBY, John. “John Truby’s Top 25 Screenwriting Lessons”. <https://www.youtube.com/watch?v=vo5dL-8-RPo> (consultado em 20/5/2019).

VEILLON, Olivier-René. *Dicionário de Cinema Americano: Os Anos Cinquenta*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1985.